

cado pelos religiosos de São Francisco, que repetiam os salmos escritos para a ocasião. Marchava à sua sombra o carrasco, ladeado dos sombrios ajudantes. Distinguiam-se estes pela atitude na caminhada: sustinham as pontas da corda que cingia o pescoço do homem do povo que os cronistas do tempo chamavam "visionário" e a quem os compendiosos com o tempo emprestariam um título bombástico, discordante da sua humildade: O protomártir da Inconfidência.

A soldadesca — informa um mestre historiador — tinha o garboso uniforme ornado de flores. Exibiam os cavalos as ferraduras rematadas com laços cor de rosa. Não faltavam sequer os irmãos da bolsa, "com suas capas e salvas de prata, a esmolar dentre o povo para o sufrágio da alma do irmão padecente".

Dentre todos os conspiradores, que eram os mais brilhantes homens do tempo — poetas, bacharéis, magistrados, oficiais de alta patente, potentados — escolheram-se aqueles alferes de expressão profética para arcar com todo o castigo. Para os outros, talvez não passasse a conspiração de um sonho literário, sem pés firmados na realidade; aquele pequeno homem do povo, contudo, que passava por várias profissões sem fixar-se em nenhuma, deixara-se não apenas embalar pelo sonho libertador; pusera a serviço da inconfidência todos os seus minutos e pensamentos. Tivera a alma incendiada pela visão generosa.

Foi o homem do povo, portanto, que a tirania escolheu para a punição e o esgarçamento. Os outros, que desaparecessem da paisagem, no caminho do exílio; Tiradentes morreria ali na Lampadosa, à vista de todos. Homem de cultura precária, passava oficialmente a líder daqueles letrados, o "primeiro cabeça" da projetada revolução. Condenado ao martírio público, deveria "sua cabeça ser levada à Vila Rica, e exibida num poste alto no lugar mais público da vila; o corpo seria esquartejado e os pedaços expostos nos sítios onde tinha tido o seu suar "práticas infames", no caminho das Minas; a casa onde ele morava em Vila Rica seria arrasada; e salgado o lugar onde estivera, para que nunca mais ali se edificasse; e no mesmo chão se levantaria um pilar, que recordasse as culpas e o castigo do abominável réu. Os bens do réu seriam confiscados e seus filhos e netos declarados infames".

Foi tudo cumprido à risca.

O único, dentre os brilhantes conjurados, que se fizera "indigno da real piedade da dita senhora" (a rainha) subia ao patíbulo, naquele remoto dia de 1792. Não teve uma queixa, nem um gesto dramático; estava sereno, senhor da própria emoção. Antevia a pátria livre; morria em holocausto a essa visão, de alma limpa e consciência tranquila...

Como vê o brasileiro de hoje a figura e o episódio de Tiradentes? Já naquele tempo, quando apenas as minas davam impressão de riqueza e o vasto país não passava de uma interrogação e um mistério, aceitava o alferes o dístico encontrado na Ecloga de Vergílio pelos literatos da conjura: "Libertas quæ sera tamen".

"Ainda que tarde" para aqueles brasileiros novos de 1790?

Se para nós o ideal não parece bem descrito nesse conceito, os homens daqueles dias coloniais não inscreviam todo o seu sincero sentimento. E' que a Liberdade não tem idade. Piana sobre o tempo como uma ave soberana, inimiga da noite e só visível na veemência colorida da madrugada ou da força do sol. Não cogitavam sequer se o país estava maduro para a liberdade; tinham certeza, apenas, de que já estava demasiado esclarecido para a dependência...

Se o vemos assim atualíssimo no seu sonho incompletamente realizado, como, por sua vez, nos poderia ver o mártir da conjura, se lhe fosse dado regressar, nestes dias, da viagem sem regresso?

Tiradentes, não nas ladeiras de Ouro Preto, que parecem reter o eco das suas passadas, mas no largo mundo, quem sabe se exibiria não a profética expressão das gravuras, própria daqueles dias aurorais, mas outra, bem outra a de indagação e perplexidades destes tempos. Retornasse agora e a dificuldade inicial para o seu heroísmo residiria na conceitualização do ideal. A primeira tarefa do mártir devolvido seria, efetivamente, a de retirar da palavra liberdade a poeira que os malentendidos e as deformações acumularam sobre ela. Neste mesmo momento, busca-se, com o selvagem requinte das armas modernas, defender a liberdade contra a ... liberdade de uma nação do continente. O sentimento libertário, que será um só — o que animou os inconfidentes — hoje varia de país para país, quase de homem para homem, e muita iniquidade e opressão se pratica a todo instante em seu nome.

Recorramos a Tiradentes, a seu perfil, à sua corda, à sua força, a seus restos esquartejados, a ver se redescobrimos a pureza da sua lição; sobretudo, neste 21 de abril de trágica oportunidade para as Américas, busquemos redimir de vez os filhos e netos de Tiradentes, retirando de suas fronteiras a declaração de infames, que parece ainda marcá-las. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Amaral Gurgel.

O SR. AMARAL GURGEL (Sem revisão do orador) — Sra. Presidente, Srs. deputados, o Brasil evocará amanhã, com a homenagem da sua imortalidade, o sacrifício supremo de Tiradentes, cuja vida foi oferecida em holocausto aos anseios de uma Pátria livre, senhora dos seus destinos e disposta a firmar o seu futuro na soberania das suas decisões.

Bem haja, pois, o Parlamento paulista, quando se reúne solenemente, na reafirmação do seu respeito ao heróico brasileiro, aquele que não hesitou em aceitar na morte o melhor e o mais eficiente meio para que os seus ideais de liberdade continuassem caminhando!

Bem por isso, no instante sublime em que reverenciamos a sua memória, saibamos hoje, mais do que nunca, penetrar e compreender o exato sentido do seu sacrifício, tão certo é que a consolidação dos seus anseios constitui tarefa por ele lançada ao futuro, a fim de que as novas gerações, na distribuição e no atendimento das responsabilidades que haveriam de pesar nos ombros de cada cidadão brasileiro, pudessem e soubessem completar a obra de emancipação do povo e da terra do Brasil!

A Pátria pediu a vida de Tiradentes. E ele atendeu ao seu chamado! Se era esse o preço da futura libertação do seu país, Tiradentes soube pagá-lo.

E que exige hoje de nós, a Pátria que dele reclamou a vida?

Respeito aos ideais de liberdade no seu sentido mais amplo; a guarda permanente e o aprimoramento incessante do Bem que ele sonhou, para que o seu gesto um dia arranque já não mais apenas os aplausos que necessariamente cercam as páginas de bravura cívica da nossa História mas que alcance antes disso, a sua inteira complementação nos princípios de uma Justiça Social capaz de verdadeiramente garantir o bem-estar e a tranquilidade de todos os brasileiros, de irmãos que afinal possam viver numa Nação política e economicamente independente.

Aqui nos encontramos, Srs. deputados, no exercício transitório e efêmero de uma função pública, simples momento que marcamos na interminável sucessão dos dias, mas somos e também se também se integra e faz parte da eternidade. Da nossa orientação há de decorrer considerável parcela de efeitos na vida da principal unidade da Federação e é preciso por isso que saibamos avaliar sempre a extensão e a profundidade dos poderes que enfeixamos nas mãos.

E' preciso fazer, e fazer bem, o que estiver ao nosso alcance realizar. E' preciso lutar, e igualmente lutar bem, em favor dos cometimentos mais altos que só possam contar, mas que necessitem, para sua execução, do nosso entusiasmo e da nossa solidariedade.

As casas legislativas decidem sobre os destinos do povo. Decidem sobre os destinos dos muitos que podem escolher os seus representantes ou dirigente mas traçam também a sorte de outros muitos que apenas são subordinados as suas decisões, já que estão à margem da escolha.

Tenhamos como horizonte da nossa jornada, como razão do nosso dever, como chão dos nossos passos, que o regime democrático — e na verdade aquele onde a todos assiste a faculdade de aspirar a uma vida melhor para isso livremente exposto as suas angústias, as suas reivindicações e batendo-se pelos seus direitos. Mas reconhecamos também que a maior garantia da sobrevivência desse regime não está apenas na legitimidade da nossa representação, mas, ainda, na forma como forem acolhidas, compreendidas e satisfeitas as reivindicações coletivas. A democracia, nos dias tormentosos que vivemos, não há de ser unicamente a queixa que livremente se possa levantar mas, sobretudo, o atendimento da queixa que se haja levantado.

Aos partidos incumbe procurar o melhor para dele fazerem o instrumento de defesa e real execução do sentido e dos princípios que tenham levado ao povo na pregação democrática e cujo conteúdo preciso traduzir e corresponder em atualidade e profundidade nunca a vontades isoladas sem os litidos, reclamos populares e aos interesses do país.

A cada novo dia humanizamos mais o Brasil.

Defendamos as nossas convicções, aquilo em que acreditamos. Saibamos dizer sim com a mesma sinceridade e o mesmo convencimento que também pudemos justificar e arrancar o não. Mas sobretudo, não nos julgemos nenhum de nós isoladamente os permanentes donos da verdade, porque esta às vezes pode até mesmo situar-se no destino que existe entre o que afirma e o que nega.

Sonhemos, e não apenas sonhamos, mas nos batemos por dias melhores, em que a iniciativa de uns não tenha o seu peso no sepulcro dos interesses de outros.

Sintamos o presente, mas além disso olhamos o futuro, fazendo do passado a soma das experiências sobre as quais devemos firmar o nosso entendimento.

Sabemos-nos irmãos, embora em trincheiras muitas vezes opostas, mas procurando todos, não obstante a diversidade dos caminhos, um mesmo fim, ao qual se há de chegar um dia. E quando chegarmos a esse dia teremos finalmente realizado em toda a sua plenitude o ideal da Liberdade, que nasceu antes de Tiradentes, mas que dele exigiu a vida para se projetar à frente, que hoje existe conosco e continuará existindo depois de nós, até o dia, Srs. deputados, o grande dia, em que Tiradentes já não mais estiver morrendo de novo em cada uma das incontáveis crianças brasileiras ainda hoje ceifadas pela subnutrição e pelo desamparo; em que Tiradentes não estiver mais morrendo novamente nas portas que não puderam ainda ser abertas à mocidade, na medida das suas necessidades, para que os jovens brasileiros busquem nos livros a luz do saber que a todos garante igual oportunidade na luta pela vida; em que Tiradentes não estiver mais morrendo outra vez nas pobres vítimas da fome, da doença e da miséria, que em todos os recantos do Brasil ainda aguardam em meio às suas aflições e angústias a efetiva consolidação da Pátria livre, próspera e feliz!

Bem haja, portanto, repito, o Parlamento Paulista, que pela voz de todas as bancadas aqui representadas, e à qual agora se junta a palavra do Partido Social Progressista, se reúne na solene evocação do histórico acontecimento de 21 de abril, já neste ano acrescido da comemoração do primeiro aniversário de Brasília capital da nossa Pátria, plantada no coração da terra-mãe, e que, cercada das nossas melhores esperanças, confiamos em Deus possa ouvir e sentir os clarins de uma alvorada destinada a levar o Brasil aos seus grandes destinos.

Era o que tinha a dizer.

A SRA. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Costabile Romano.

O SR. COSTABILE ROMANO — (Sem revisão do orador) — Sra. Presidente, Srs. deputados, o Brasil inteiro festeja amanhã o 1.º aniversário de Brasília, a cidade nascida sob o signo desenvolvimentista de nossa Pátria. O surto industrializante, o progresso insofreável e a marcha com destino marcado do País, tinham que revestir uma iniciativa que marcasse, como símbolo imortadouro, a nova etapa que palpita, de uns anos para cá, não só a estrutura da Nação, como o coração do povo brasileiro.

Assim nasceu Brasília, a nova Capital da República. Ela tornou-se um ponto de convergência entre o passado, o atraso, as forças que enquistam com o progresso, o desenvolvimento e as forças novas que desejam expansão. Com-Brasília, marca-se o ciclo efervescente de uma nova era que varre, de norte a sul, toda a superfície territorial entregue ao passado, e despoja o horizonte infundável de novas vibrações, de novos anseios e de novos empreendimentos.

Brasília é a força contagiante de um povo novo, viril e impetuoso, determinando vigorosamente um estágio moço, inconfundível e galopante, de um País aterrado por quatrocentos anos de atraso. Brasília é o momento em que o Brasil supera os ciclos econômicos da produção agrícola, da produção do país subdesenvolvido, que interessa apenas ao mercado externo da Nação à qual se é candidato, para envolver contigentemente pelos rumos da industrialização.

Rompe-se, simbolicamente, neste momento sublime da história da nossa Pátria, a estrutura econômica arcaica, velha, semifeudal, para surgir uma superestrutura moderna, espraiando mentalidades novas, conceitos novos e novas fontes de energia.

Analisem-se os 220 projetos de reforma agrária apresentados à Câmara Federal nestes últimos 10 anos da nossa vida política, e óeles teremos uma ideia exata de como é irresistível o sopro renovador que agita as gerações atuais da nossa República. A reforma agrária, traçando novas diretrizes aos conceitos superados da propriedade agrícola, bafejando orientações democráticas à exploração do campo e possibilitando maiores e mais amplos recursos aos três quartos da população brasileira que vive da economia rural será, por certo, a meta que completará Brasília na sua regulante trajetória. Em Brasília concentra-se, desse modo, todo o espírito da vanguarda e de progresso que mobiliza os sentimentos das grandes massas do nosso povo, plasmando aquele equilíbrio econômico tão indispensável à felicidade de todos.

Juscelino Kubitschek, ao materializar, ao transformar em realidade o sonho de Brasília, e delegando a esta a imposição constitucional da nova Capital da República, erguia, também, o marco impercível da era que irá proporcionar à nossa Pátria a concretização da sua ansiada e completa emancipação econômica.

Por estas razões, Srs. deputados, é que andou bem, a douta Mesa desta Casa, ao convocar a presente sessão comemorativa ao 1.º aniversário de Brasília, entrelaçando-a com as comemorações de 21 de abril. Realmente, Sra. Presidente, o fenômeno de Brasília está para a nossa época, de plena luta emancipadora da nossa economia, o que o 21 de abril esteve para o nosso País, ao reivindicar, com o sacrifício de Tiradentes, a independência política do Brasil do jugo colonializador de outras nações.

O 21 de Abril da Inconfidência Mineira, imolando vítimas no altar da Pátria, na luta sacrossanta da sua independência política e econômica, tem, por assim dizer, seu encontro mais surpreendente, porque não dizer glorioso, na realização de Brasília. E' por isso que reafirmamos ser Brasília a inspiradora união do passado, com todas as lutas contra imposições colonialistas e anti-progressistas, com o presente desbravador de riquezas, destruidor de rotinas, fabricante de indústrias, impulsionador do progresso e de chamamento permanente à grandeza da Pátria.

Devemos, pois, estar orgulhosos de viver momentos históricos tão soberbos, como estes da época de Brasília. Um povo que levanta, como símbolo de sua pujança econômica, da sua luta emancipadora, uma cidade de dimensões materiais e espirituais de Brasília, tem perfeito domínio dos seus inconfundíveis destinos.

Oxalá, Sra. Presidente e Srs. deputados, esta consciência possa serenamente orientar, nestes momentos conturbados das relações internacionais, a vida coletiva do nosso povo, ressaltando nossas tradições pacíficas, nossos anseios de liberdade e nossa profissão de fé inabalável pela nossa independência. Só assim seremos dignos dos sacrifícios dos nossos antepassados e, melhor ainda, desta era maravilhosa de Brasília.

Era o que tínhamos a dizer, em nome do Partido Trabalhista Nacional. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Luciano Nogueira Filho.

O SR. LUCIANO NOGUEIRA FILHO — Sra. Presidente, Srs. deputados, congratulo-me com esta Assembleia Legislativa, que tenho a honra de integrar, congratulo-me com a Sra. Presidente, pela realização desta Sessão Solene comemorativa do 21 de abril, que esta Assembleia realiza pela primeira vez em sua vida desde que organizou a Constituição de São Paulo.

Disse o meu nobre colega Luciano Lepera que estas comemorações cívicas deveriam repetir-se tão a miúdo quanto fossem necessárias, para que constantemente os cidadãos fossem chamados a se ajoelhar perante o altar da Pátria e cultivar os seus heróis, símbolos de seus generosos ideais.

Fazemo-lo hoje. Deveremos fazê-lo todos os anos, ainda mais que, no dia 21 de abril, amanhã, no Brasil inteiro, nos parlamentos, nas escolas e nas praças públicas, pela primeira vez, nesta comemoração cívica, se encontram os dois brasis: o Brasil colônia, sofrido, castigado, machucado na torturada figura do mártir Tiradentes, e o Brasil do presente, o Brasil do futuro, o Brasil industrializado, glorificado nas luzes de Brasília, Brasília que é, pela coincidência procurada na sua fundação no dia 21 de abril, o maior monumento que a nação poderia ter erguido a Tiradentes, vale dizer, ter erguido à própria libertação nacional. Brasília é o símbolo que se materializa no coração da pátria e que há de ser constantemente estudado e interpretado, para que o Brasil encontre os seus próprios destinos.

Mas a aproximação com o problema Brasília não é fácil. Julgo que existem três principais aspectos para o estudo, a análise e a identificação do Brasil. E eles seriam o aspecto arquitetônico, o aspecto político e o aspecto espiritual. No aspecto arquitetônico, o Brasil conseguiu demonstrar perante o mundo inteiro que existe uma alma nacional que encontrou forma própria de se revelar e de se construir, eis que, como afirmam os mais categorizados sociólogos e esadantes e cultores das difíceis ciências de interpretar a alma da humanidade, a alma dos povos, e a arte que uma nação se realiza e se revela, e aquela arte que encontrou solução arquitetônica em Brasília, admirada por Van Der Meyers, Frank Lloyd Wright e Le Corbusier, é, efetivamente, uma demonstração de que o Brasil moderno já tem força e vigor para se colocar entre as grandes nações do mundo e começar a sua jornada de nação soberana, livre e independente.

Lembraria, neste terreno das artes, que o Brasil também encontrou a sua forma própria dentro da sua própria arte de glorificar também o seu Mártir Tiradentes. Se ele foi representado no passado em tantas gravuras e estátuas, hoje encontra forma nova de ficar perene na lembrança das criaturas, nos ares, nos grandes muros de Portinari, representativo da execução de Tiradentes; na grande obra de Villa Lobos — "O Martírio de Tiradentes".

Encontram-se, assim, nesse terreno, o Brasil de ontem e o Brasil de hoje, o Brasil de Tiradentes e o Brasil de Brasília.

No sentido político e administrativo, Brasília, aqui nesta Casa de políticos, certamente não precisaria ser interpretada, eis que todos já se convenceram de há muito, mesmo aqueles que no passado negavam a obra de Brasília, que ela é a fonte inspiradora de uma nova unidade nacional, que nela se